

## TRÊS POEMAS DE OSVALDO ROCHA

### BAÍA DE FUMO

Em um barquinho de madeira  
o vapor do sonho cai na cachoeira.

Na baía do fogo, na baía do fumo,  
eu fui feito de fogo e feito de gelo,  
uma raposa na bruma, uma  
casinha na esquina da vida,  
furo futuro de água ardente na neve,  
sossego na nova planície do mundo.

O vento assobiando uma canção  
na brancura do mar, do céu-terra,  
onde os continentes e os horizontes  
são apagados da vista do homem,  
brancura madura que cura  
nossas feridas de tempo furioso.

Nós seremos os ilhéus da lua.  
Aqui estaremos sozinhos  
como meninos do vazio  
sob a chuva do pensamento.

Em um barquinho de madeira  
o vapor do sonho cairá na cachoeira.

**Oswaldo Rocha (Guadalajara, México, 1984)**

## MÁCULA NO SILÊNCIO

Cada passo na lama leva ao livro,  
fábula de areia e ampulheta,  
um verso ou um insulto para o jardim do amanhã,  
páginas de estrelas cheias de caos  
como flores prodigiosas  
nascidas no silêncio congelado.

Se isto fosse verdade!  
Se fosse mentira o martelo da alma!  
Se fosse mentira o desastre do pó e da pedra!  
Se fosse meu o cinzel das letras imortais!  
Eu estaria triste ainda sentado nos recifes  
como um grão de morte na névoa do tempo.

O verbo transformou-se em folhas secas  
que eu pisei  
como um porco rubro no paraíso.

As palavras não fecundam nada,  
somos manchas escrevendo manchas,  
ignorância e chumbo nas rachas  
da fatalidade.

**Oswaldo Rocha (Guadalajara, México, 1984)**

## PRIMAVERA DA QUEIMA

Uma cidade de ruas amarelas, casas amarelas,  
fantasmas de ouro, identidades de terra.

Cobriu o lixo os templos e os palácios  
onde algum sol agora queima como a esperança  
do retorno das penas e dos homens honestos.

O dia da queima tem trazido detritos,  
muitas mulheres se tornaram carvão,  
e muitos homens se tornaram cinzas,  
quente é o poço nosso nesta vida  
vida boneca e doce das fedidas fogueiras.

Está vazio o céu, cansado de enterrar,  
as nuvens são ainda tão jovens para chorar,  
tão pequenas de longe,  
eu não posso vê-las...

Donzelas das trevas, quando chegarão?  
O trovão já não existe nem canta para elas.

**Oswaldo Rocha (Guadalajara, México, 1984)**